

Karina Sainz Borgo

Nazarena

Tradução de Margarida Amado Acosta



Chamo-me Nazarena, varro os pátios à noite e matei a minha mãe à dentada. Comi o corpo dela sem me conter. Ela não resistiu. Ofereceu-me os seus ossos para que eu os chupasse até a deixar seca. A morte trespassou-a como uma nódoa na pele. A partir desse dia, a minha mãe governa a casa sentada na cadeira de baloiço do corredor. É uma mulher estropiada pelas mordidelas, um pássaro mudo, uma morta-viva. Hoje é Quarta-feira de Cinzas. A Aparecida degola duas galinhas e pica salsa para juntar ao caldo. Faz tudo com uma cruz de pó e saliva pintada na testa. Eu tenho o rosto limpo porque, a mim, a Quaresma já me enegrece o nome. As minhas sete irmãs esvoaçam por toda a casa. Fumam, sussurram, praguejam e dão ordens: «Aparecida, serve a sopa com as conchas.» «Aparecida, passa os guardanapos.» Aparecida, isto. Aparecida, aquilo. Ouço-as falar em ladainhas. As palavras delas roçam-me a mente como cortinas em chamas. «Nazarena! Onde estás?» «Nazarena, anda cá!» Eu não respondo. Que cada uma trate das suas coisas e me deixe fazer as minhas. «Nazarena!

Onde estás?» Ouço um motor cada vez mais perto. É um *Cadillac* preto que atravessa a avenida. As minhas irmãs não me disseram nada, nunca o fazem, mas se estivessem à espera de alguém eu teria percebido. Sou a sétima de oito raparigas, como sete são os punhais de Nossa Senhora. Cheguei ao mundo para extinguir a linhagem formada por três mulheres de pele negra e três irmãos italianos que chegaram a La Araira vindos do Vêneto para construir o caminho de ferro. Batizaram-me como Nazarena para honrarem o milagre de a minha mãe ter sobrevivido ao parto e para mo obrigarem a pagar em vida. É Quarta-feira de Cinzas. Hoje começa a penitência. Estou com o vestido que a minha irmã Porcia mandou vir para o dia do meu santo.² É a minha roupa de trabalho. Dá-me pelos tornozelos e esconde, sob o tecido branco, o meu corpo espinhoso. Combina com o meu nome, amortalha-me. A minha cruz é esta vassoura. Com ela, limpo os pátios. Quando se gasta, uso as mãos. Arranco os ramos doentes do limoeiro e planto sementes de erva-cidreira. Ao afundar os dedos na terra, sinto as minhocas roçarem-me as pontas dos dedos como se já estivesse morta. «Nazarena! Onde estás?» «Nazarena, anda cá!» Onde quer que me esconda, ouvirei as minhas irmãs. As vozes delas ressoam até desfolharem os fetos e depenarem os papagaios. A arara da tia Candela morreu, também ela louca, por causa dos seus gritos. Na noite em que a tirei da gaiola, dura como uma pedra, dei-a ao Eustoquio, o jardineiro. Ele arrancou-lhe os penachos e fez com eles um diadema. É a minha coroa

² Data do calendário litúrgico em que se celebra o santo cujo nome a pessoa recebeu no batismo. Tradicionalmente, nalguns países é celebrada como um aniversário. (*N. da T.*)

de espinhos, o cadáver do pássaro que adeja na minha mente. Das oito irmãs, só a Bendita e a Carmen vivem fora desta casa. Nenhuma delas conheceu a viuvez, a ruína ou o divórcio. Quando chega, a Bendita atravessa o limiar da porta vestida com os seus colás de náilon. Senta-se ao pé da minha mãe. Fala-lhe como se fosse uma recém-nascida. Parece que é a mãe postiça dela. «Está a dizer mal de nós», repetem as outras quando a ouvem sussurrar. Suportam a sua presença porque já não vive cá. Em vez de estriparem a Bendita com as unhas compridas, descosem a roupa dela e arrancam-lhe as veias à trincadela. Roem-na como se fossem ratazanas. A única que tem marido é a Bendita. A Carmen, a mais nova, foi viver com ela pouco depois do casamento, diz que para a ajudar na lida da casa. Os casamentos das outras só trouxeram dívidas e desgraças. Até os que nunca chegaram a celebrar-se acabaram ao pé de uma sepultura. A Porcia, a nossa irmã mais velha, enviuvou antes de chegar ao altar. A Leda, a que vem depois da Bendita, perdeu a fala quando o seminarista salesiano se afogou na lagoa de Onoto. As gémeas Natalia e Amelia, a quarta e a quinta na linha familiar, ambas solteiras, incumbiram-se do governo da casa, e a Vicenta, a sexta e a mais rebelde da prole, voltou para casa com a filha única quando o marido a abandonou. A Aparecida, a criada e a nona mulher desta casa, perfumou-nos com o vapor que alisa os lençóis de uma vida sem fornicções. Na das Vicentas, como nos chamam em La Araira, os homens vão-se embora ou morrem. Nenhum sobrevive ao nosso nome. O motor do *Cadillac* continua ligado. Consigo ouvi-lo daqui. É um rugido contínuo. Um resposso. Há muito que fazer. Tenho de pulverizar o curral com querosene para afugentar a bicharada. O Eustoquio

vem cá trazer as laranjas e eu ainda não acendi o lume para queimar as folhas secas da nespereira. As janelas do corredor estão sujas. Tenho de arrancar o pó com um pano e raspar a imundície dos puxadores. Só eu, a Nazarena, que não posso ser diáfana à frente do espelho, sou capaz de limpar tudo. Aferrada à minha vassoura, observo o vento a embalar as palmeiras-imperiais e a atirar para o chão as flores de jasmim-manga. Limpo a folhagem que se acumula no pátio quando arde a cana velha. Durmo pouco porque as árvores não esperam. Quando a brisa as faz balançar, destroem o trabalho de uma vida inteira. É por isso que eu varro, para que tudo amanheça em ordem, para que não aconteça nada de mal, para que nenhum ramo se desprenda nem as cobras façam ninhos debaixo das nossas camas. Só consigo afugentar a madrugada à vassourada. Um pátio é um assunto sério e só eu sei cuidar do único lugar da casa onde se pode olhar para o céu. Nas noites de luar vigio os morcegos. Fazem ziguezagues no ar. Chocam com as garupas das éguas da Eufrasia. Sugam-nas até as fazerem sangrar. As feridas agraphadas nos seus lombos brilham na escuridão. Às vezes, as éguas da Eufrasia aparecem-me em sonhos. Alguém lhes arrancou o pelo. Pastam, rapadas, com o corpo todo mordido. Quando me aproximo para lhes tocar, empinam-se e relincham. Chamo-me Nazarena, varro os pátios à noite e matei a minha mãe à dentada. Tive uma filha, mas nasceu morta. É por isso que, quando esfrego o chão de cimento com a vassoura, o saguão da casa palpita — pum, pum — como o coração de um pássaro antes de morrer de medo.

O *Cadillac* preto pára à frente da nossa casa. A Porcia está atrás das vidraças, também ela de atalaia. A minha irmã mais velha controla tudo. Sabe tudo. Vê tudo. Não conhece a desobediência ou o desalento, a piedade ou o perdão. Diz que nasci louca. Mas os loucos não sabem contar. Eu, sim. Um, dois, três, quatro... Quando lavo as mãos com limão, conto em voz alta até cinquenta para as deixar limpas. «Que mania a tua.» A Porcia fala comigo como se eu fosse um cão. «Estamos à espera de alguém?», pergunto, mas a minha irmã não responde. Nem a Aparecida, porque está ocupada. Lava a roupa a chorar. «Preta parva, preta bronca, preta bruta!» Aos gritos e à paulada arranca a sujidade das toalhas. «Desconfia, diz o Sagrado.» Depois, dá uma cacetada, e outra, e mais outra. «Santo António bendito, livrai-me desta raiva.» E é assim que passa as horas a Aparecida, a arengar os lençóis sujos ou a ralhar com um crucifixo.

— Nazarena, sua burra. Deixe-me em paz, estou a falar com os meus espíritos.

Permaneço de pé ao lado dela, à espera de uma resposta.

— As almas, Nazarena. Os mortos.

A Negra aproxima-se de mim, enxugando as mãos no avental.

— Está tudo aqui. — Bate várias vezes na fonte com o dedo indicador, como se quisesse perfurar a cabeça. — Aqui dentro!

— Aquele *Cadillac* que está na rua, de quem é?

— Caluda! — A Aparecida faz três vezes o sinal da cruz e retoma a ladainha. — São João Batista, livrai-me desta angústia.

Começaram a chamar-lhe assim, Aparecida, porque ninguém sabia de onde vinha nem que idade tinha ao certo. Quando chegou à aldeia, disse que tinha treze anos, mas o vestido com o decote a rebentar pelas costuras e a cintura bem cingida parecia a jaula de uma criatura mais desenvolvida. As minhas tias até dizem que acharam que estava grávida. Mas só estava gorda.

A Aparecida embalou-nos e dançou connosco. Beijou-nos os pés e dormiu ao lado dos nossos berços. Amortalhou os meninos que nasceram mortos como se fossem seus. Entreteve com as suas homilias as raparigas que sobreviveram, como eu. É a nona e a mais longeva mulher da casa. Conhece as nossas misérias. Coleciona-as. Guarda as cuecas ensanguentadas, os vestígios de excrementos nas fraldas, os umbigos mumificados entre lenços e os escarros da minha mãe sobre a sua roupa de cama. Sobre os nossos sudários e ossários, a Aparecida sabe tudo. Por cada ano de vida dela, conserva um molho de vergonhas nossas.

A mãe dela pode ter sido uma das trinitárias de El Callao que vieram para cá vender ouro, mas ela prefere

dizer que é bisneta de Negro Primero, o único escravo que lutou na guerra da independência e conseguiu sobreviver para ser livre. A Aparecida passa o dia com um alguidar entre as pernas, a degolar galinhas para o caldo. Depois de lhes arrancar as cabeças e as patas, mete-as numa panela com água a ferver e mexe tudo com uma colher de pau. Quando já estiveram um bocado ao lume, depena-as. Puxa com força e, ao mesmo tempo, maldiz a sua sorte ou a de mais alguém, e atira os penachos para o chão. «Nesta casa, eu vi muitas coisas. E lembro-me de todas», diz enquanto as rasga com uma faca e lhes arranca as tripas com as mãos. A Negra exagera tudo. Está sempre a inventar histórias. Se cai um garfo ao chão, vaticina eventos e aparições. «Isto quer dizer que está para chegar um homem.» Se um alcara-vão atravessa o céu, prediz uma gravidez. Faz promessas às almas e paga-as no dia seguinte indo de joelhos até à igreja. Também diz que os mortos vêm despedir-se dela antes de deixarem este mundo. Então, benze-se, atira aguardente para a terra e fuma com a brasa virada para dentro.

— Diz lá — insisto —, quem é que nos vem visitar tão cedo a esta casa? De quem é aquele *Cadillac*?

Ajoelhada à frente do alguidar, a Aparecida fustiga em silêncio um pano branco. Bate-lhe com os punhos e esfrega-o depois com a barra de sabão. Torce-o com força e enxagua-o sem olhar para mim. Hoje é Quarta-feira de Cinzas, mas nesta casa ninguém faz jejum nem se arrepende.

Para não ouvir o barulho do motor, tiro a vassoura do armário. Varro o corredor sem pausas. O chão está cheio de pelos, de fibras compridas que se amontoam atrás das portas. Quando nos vem visitar, a Bendita penteia o cabelo da mãe com uma escova de tartaruga. A Natalia e a Amelia passam os dedos pelos seus próprios cabelos e vão largando, à sua passagem, nós encaracolados. Em tempos, também tive o cabelo comprido e frondoso. Até a menina, que nasceu feita de tão pouca coisa, tinha a sua penugem. Pouca, mas tinha.

«Lá estás tu com essa história outra vez», espeta-lhe a Amelia. «Pára de falar nisso», replica a Natalia. Ninguém me pode proibir nada. Por mais pequeno e fugaz que fosse o tempo em que a pude ter nos braços, aconteceu. A minha filha saiu do meu útero com a pele azul, os lábios roxos e uns tufos ralos cor de estanho. Tive-a muito perto de mim. «Dá-me a menina, Bendita. Devolve-ma. Deixa-me vê-la.» Dizem que morreu. Que está morta. Da primeira vez que a Porcia me ouviu falar da menina como se estivesse viva, a ira apoderou-se dela.

— Aparecida, vai buscar a tesoura.

— A quem é que vai cortar o cabelo? À Nazarena?

— Benzeu-se. — Não vou fazer isso à sua irmã. Tem uma cabeleira tão comprida e bonita.

— Só serve para lhe tapar a cabeça oca, cheia de parvoíces.

A Aparecida cruzou os braços e franziu o sobrolho. A Porcia arrebatou-lhe a tesoura e olhou para mim, refastelando-se com o seu castigo.

— Senta-te aí.

Neguei com a cabeça.

— Senta-te, já disse.

— Deixe-a estar, dona Porcia... — Quando fica com medo da minha irmã, a Negra trata-a por você.

— Cala-te, Aparecida! Vai ver se o galo pôs ovos.

— Os galos não...

— Sai daqui! — Ergueu a voz. — Vai para a cozinha ou para o curral, se te apetecer... Mas sai daqui!

Foi-se embora saracoteando as ancas.

— Nazarena, senta-te.

A Porcia apontou para a cadeira da lavandaria. Apetecia-me torcer-lhe o pescoço. Mas não o fiz, sentei-me e cerrei os dentes, maquinando todas as maldições e infortúnios possíveis contra ela.

— Vê bem. — Sacudiu a tesoura à frente da minha cara. — É para aprenderes a não falar do que não existe.

Fechei os olhos com medo de que me espetasse a tesoura e amaldiçoei-a em silêncio. «Oxalá os escorpiões façam um ninho na tua escova.» «Que queimes as pálpebras e fiques cega.» «Que te caia em cima da cabeça a casa em chamas.» A minha irmã agarrou-me numa madeixa com força e puxou-a até ficar toda esticada. Assestou a primeira

tesourada à altura do queixo; a segunda e a terceira, muito perto da nuca. Senti-me como as éguas da Eufrasia quando as rapam nos meus pesadelos. A Porcia tosquiou-me aos puxões. As minhas grenhas molhadas soavam como chicotes ao baterem no chão. Sempre que me tentava safar, a Porcia ficava mais assanhada.

— Endireita-te.

Encolhi-me.

— Endireita-te! Vou tirar-te a parvoíce! Levanta o queixo!

Zás. Zás. Zás.

Quando abri os olhos, vi os meus cabelos pretos no chão. Desprendidos da minha cabeça, contorciam-se como serpentes.

— Cala-te, Nazarena.

Tentei levantar-me da cadeira, mas a Porcia prendeu-me o braço.

— Ainda não acabei.

— Estão a mexer-se! Estão vivos. Não vê?

— Chiu... — Pegou noutra madeixa. — Cala-te, Nazarena. Pára de falar do que não existe.

— Tenho de varrê-los, Porcia! Estão vivos! Não vê? Podem trepar para as camas ou para a mesa! Podem morder-nos! Deixa-me varrê-los!

— Os cabelos não mordem.

— Estou a dizer-te que estão vivos.

Uma tesourada. E outra. E mais outra.

— Cala-te, Nazarena. — A Porcia tosquiava-me a seu bel-prazer. — Obedece, Nazarena! Obedece!

Nenhuma das minhas irmãs fez nada para a impedir. Também não teria servido de nada. A Porcia ainda me castiga. Elas ainda lhe obedecem. Eu também.

A história de uma família atormentada pela culpa, a traição e a loucura, num romance que explora a fragilidade humana em todas as suas dimensões.

«Chamo-me Nazarena, varro os pátios à noite e matei a minha mãe à dentada. Comi o corpo dela sem me conter. Ela não resistiu. Ofereceu-me os seus ossos para que eu os chupasse até a deixar seca.»

Na casa da família na povoação caribenha de La Araira, oito irmãs vivem à sombra de uma mãe morta-viva, perante o abismo de uma linhagem em decadência. A morte inesperada do pai desequilibra as relações de poder na casa, que fecha as portas a todas as ameaças do mundo exterior. As mulheres passam a viver como pássaros engaiolados, medrosos e sedentos de vingança.

Quem nos narra a história é Nazarena, a sétima filha, que as irmãs consideram doida. Leva os dias a varrer obsessivamente o pátio da casa. Pensa assim poder afastar o azar. Mas a poeira que se levanta destapa todos os ressentimentos e violências do passado. Regressam os mortos, aparecem animais que pressagiam desastres, e o silêncio reinante é uma ameaça densa, só interrompido pelos gritos entre as mulheres da casa.

É uma casa de família em La Araira. Mas nessa casa-prisão cabe um país, cabe um mundo, cabe o tempo todo.

Depois dos premiados *Cai a noite em Caracas* e *O terceiro país*, a escritora venezuelana Karina Sainz Borgo volta a reinventar-se e a surpreender, compondo uma saga familiar que ecoa a melhor tradição de Juan Rulfo, García Márquez, Faulkner e Lorca. Com um registo singular em que se mesclam realidade e alucinação, entrega-nos uma história inquietantemente contemporânea e universal, que destapa as feridas da existência.



«Tudo é mito e casa, fuga e regresso, na forte escrita de Karina Sainz Borgo.

A força feminina avança, quaisquer que sejam as circunstâncias ou os obstáculos. Personagens e enredos — que parecem vir das nossas origens mais longínquas —, mas que, afinal, esclarecem, tornam claro e, enfim, fazem estremecer, com grande potência, o nosso magnífico ou mísero dia.»

GONÇALO M. TAVARES



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-633-8



9 789895 836338